



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

VINCULAÇÃO EM FAMÍLIAS DE ACOLHIMENTO: CONTRIBUTO PARA A COMPREENSÃO DE CONHECIMENTOS E PRÁTICAS PROFISSIONAIS

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia
- Especialização em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano -

Ana Sofia Trindade Pinho

Porto, Outubro de 2017



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

VINCULAÇÃO EM FAMÍLIAS DE ACOLHIMENTO: CONTRIBUTO PARA A COMPREENSÃO DE CONHECIMENTOS E PRÁTICAS PROFISSIONAIS

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa

para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano -

Ana Sofia Trindade Pinho

Trabalho efetuado sob a orientação de

Prof^ª Doutora Mariana Negrão e Prof^ª Doutora Elisa Veiga

Porto, Outubro de 2017

"Eu não tenho muito tempo.
Tenho amigos a descobrir e muitas outras coisas para conhecer (disse o príncipezinho).

A gente só conhece bem as coisas que cativa (disse a raposa)...
Os homens não têm tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo nas lojas.
Mas como não existem lojas de amigos, os homens não têm amigos.

Se tu queres um amigo... Anda... Cativa-me!"
(O Príncipezinho - Saint- Exupéry)

Porque todos nós precisamos de alguém que nos cativa.

Agradecimentos

O finalizar desta etapa, faz-me olhar para todo o meu percurso e agradecer a todos aqueles que me acompanharam e surgiram na minha vida, ao longo destes 5 anos. Um eterno obrigada:

Aos meus pais, porque sem eles nada disto seria possível! Obrigada por todos os dias em que me acompanharam, aconselharam e orientaram da melhor forma. *Ao meu pai*, por mesmo sem muitas vezes o dizer, eu saber que me apoia incondicionalmente. Obrigada por sempre me teres apoiado em todos os meus sonhos e teres participado neles, como se fossem teus. *À minha mãe*, por ao longo de toda a minha vida ter sido a minha base segura, por me apoiar incondicionalmente e acreditar em mim mais do que qualquer outra pessoa. Obrigada por todas as conquistas e angústias que celebraste e escutaste ao longo destes 5 anos.

Ao meu irmão, por ser sempre o meu maior motivo de orgulho. Um obrigada por todas as palavras de incentivo, por todas as aventuras que partilhamos, e por mesmo em alturas difíceis, me fazeres sorrir. Serás sempre o meu porto seguro.

A toda a minha família, aos meus avós, padrinhos, tios e primos, por me mostrarem sempre o verdadeiro significado da palavra "família", por me acompanharem em todas as importantes etapas do meu percurso académico e por gostarem sempre de mim. Em especial aos meus avós, que trataram e cuidaram de mim sempre, e acreditaram nas minhas capacidades em todas as fases da minha vida.

Ao Fábio, por ao longo destes 4 anos, cuidar mais de mim do que eu mesma. Obrigada por ouvires todas as minhas angústias e desabafos e confiares em mim todos os dias. Obrigada ainda por teres tornado os meus sonhos, teus também, e por teres festejado as minhas conquistas como se de tuas se tratassem. Que estes sejam os primeiros de muitos momentos felizes.

À Professora Mariana Negrão, Elisa Veiga e Lurdes Veríssimo, por me acompanharem na realização deste trabalho. Obrigada por toda a disponibilidade, por todos os incentivos e orientações. Obrigada ainda por toda a partilha de conhecimentos e por serem, para mim, três grandes referências!

À Daniela, por todas as palavras de incentivo e por todos os dias em que percebeu a minha ausência. Obrigada por seres das melhores pessoas que tenho comigo, e por estares presente, em todos os bons e maus momentos.

À Bárbara e à Andreia, por ao longo destes cinco anos estarem incondicionalmente do meu lado. Obrigada por todas as memórias inesquecíveis, um dia quando olhar para trás, sei que ao recordar, vocês estarão presentes em quase todas elas. São das melhores coisas que a faculdade me ofereceu, sem dúvida que vos "levo comigo p'ra vida"!

À Teresa Bernardo, minha madrinha académica, por ser o meu maior exemplo e inspiração. Obrigada por todos os momentos felizes em que estiveste presente e um obrigada ainda maior por ouvires os meus desabafos e inquietações.

À Joana Mendes, por teres acompanhado o meu percurso de perto, e por nunca me "deixares cair". Obrigada por teres sido uma "segunda mãe" nos anos em que moramos juntas. Ainda que estejamos longe, sei que "estaremos sempre perto".

Aos meus afilhados académicos, por me terem escolhido para acompanhar os seus percursos e por me verem como uma referência. Um enorme obrigada pelas recordações que me proporcionaram, e pelos momentos felizes já que partilhamos e que sei que ainda iremos partilhar. Podem sempre contar comigo, estarei sempre por perto.

A todos aqueles que se cruzaram comigo ao longo destes 5 anos. Em especial, *aos meus pequeninos*, por terem surgido na minha vida e por terem trazido tantos momentos inesquecíveis ao meu percurso. "Obrigada por terem sido vocês e não outros!"

Aos participantes deste estudo, por toda a disponibilidade e paciência que demonstraram. Sem eles nada disto seria possível.

Índice

Índice de siglas e abreviaturas

FA - Família de Acolhimento

AF - Acolhimento Familiar

AR - Acolhimento Residencial

CA - Casa de Acolhimento

FB - Família Biológica

Índice de anexos

Anexo 1: Pedido de colaboração no estudo e consentimento informado

Anexo 2: Guião de entrevista

Anexo 3: Sistema de categorias

Anexo 4: Codificação e categorização com descrição das categorias

Resumo

O conhecimento dos técnicos sobre a temática da vinculação tem implicações na sua atuação junto das famílias de acolhimento. Desta forma, este estudo tem como objetivo perceber o conhecimento científico dos técnicos do Acolhimento Residencial sobre a temática da vinculação e as implicações em termos da sua atuação junto das famílias de acolhimento. O estudo enquadra-se na metodologia qualitativa. Foram realizadas, com um guião de entrevista semiestruturado, quatro entrevistas, com técnicos de diferentes áreas de formação, a exercer funções numa casa de acolhimento. Os resultados realçam a ambivalência sobre as perceções sobre a medida do acolhimento familiar e sobre as perceções da temática da vinculação na medida do acolhimento familiar, assim como, a dificuldade dos técnicos em refletir sobre temas que considerem importantes abordar durante sessões de formação com as famílias de acolhimento. Como implicações sugere-se o desenvolvimento de ações para técnicos e para famílias de acolhimento que promovam a reflexão sobre a importância de desenvolver condições estáveis e seguras para as crianças que integram medidas de acolhimento.

Palavras chave: famílias de acolhimento, vinculação, perceções dos técnicos, cuidados de acolhimento

Abstract

The knowledge of the technicians on the theme of the bonding has implications in its work with the foster families. In this way, this study aims to understand the scientific knowledge of the Residential Reception Technicians about the theme of the bonding and the implications in terms of their work with the foster families. The study is in accordance with the qualitative methodology. Four interviews were conducted with a semi-structured interview script, with technicians from different training areas, to perform functions in a foster home. The results highlight the ambivalence about the perceptions of the measure of the family's reception and about the perceptions of the theme of the bonding in the measure of the family reception, as well as the difficulty of the technicians in reflecting on subjects that they consider important to approach during sessions of training with the foster families. As implications, it is suggested the development of actions for technicians and for foster families that promote the reflection on the importance of developing stable and safe conditions for the children that integrate measures of reception.

Key-words: foster families, attachment, perceptions of technicians, foster care

Estado da Arte

Acolhimento Familiar

Todos os anos, em todos os países, muitas crianças e famílias estão envolvidas com o sistema de promoção e proteção de crianças e jovens (Dozier, Zeanah & Bernard, 2013). O papel principal deste sistema é proteger as mesmas. Após a ocorrência de negligência ou abusos face às crianças ou jovens, é previsto que estas sejam acolhidas em Casas de Acolhimento (CA), Famílias de Acolhimento (FA) ou familiares (Dozier, Zeanah, & Bernard, 2013).

Em Setembro de 2015, existiu uma alteração à Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo em Portugal. Esta alteração, visa privilegiar a medida de Acolhimento Familiar sobre a medida de Acolhimento Residencial particularmente em crianças até aos seis anos de idade (Dec.Lei nº 175 – 8 de setembro de 2015).

No caso de Portugal, no ano de 2016, no universo de 8.175 crianças, em situação de acolhimento, 7.149 encontravam-se em casas de acolhimento, e apenas 261 em Famílias de acolhimento (CASA, 2016). Sabe-se ainda que as FA existentes concentram-se fundamentalmente no norte do país, e embora seja em Lisboa que se concentra um dos maiores números de crianças em situação de acolhimento, não existe qualquer família de acolhimento nesta cidade (CASA, 2016).

Comparando o Sistema de Proteção Infantil português, com o Sistema de Proteção de outros países, sabe-se que particularmente nos países de forte influência da igreja católica, manteve-se o predomínio das instituições de acolhimento de crianças e jovens (López & Del Valle, 2016).

O objetivo do Acolhimento Familiar (AF) é proporcionar um contexto familiar alternativo, tratando-se assim de uma resposta que permite à criança continuar a viver com uma família, com um lar novo e inteiramente desconhecido, onde provavelmente os afetos, valores, costumes e regras são diferentes daqueles a que normalmente a criança/jovem estava habituada na sua família biológica (Delgado, 2011).

O AF trata-se ainda de uma medida que permite o contacto com outros estilos de vida familiar que enriquece a criança ao nível das expectativas e da importância que atribui à família, assim como sobre os seus padrões de funcionamento (Gimeno, 2001). De salientar que através da medida do AF, a criança tem uma oportunidade de construir novos alicerces,

de criar novas cumplicidades, de distanciar-se do passado para o melhor compreender e, conseqüentemente, refazer o presente, mudar e aprender com o desconhecido (Zeldin, 1994 cit. in Delgado, 2010).

No que diz respeito à criação de vínculos com as FA, as crianças/jovens são capazes de se reorganizarem no que diz respeito aos seus laços de vinculação, e percebemos que em muitos casos as crianças/jovens são capazes de manter ligações afetivamente duradouras com figuras significativas alternativas, o que proporciona às mesmas uma maior confiança e o desenvolvimento de mais estratégias de *coping* (Mota & Matos, 2008).

Sabe-se que ao nível do desenvolvimento, o AF traz muitas vantagens face ao (Acolhimento Residencial) AR. O AF oferece à criança cuidados e atenção típicos de uma família, o que não acontece no AR. Sabe-se ainda que o apoio emocional é essencial para o desenvolvimento. Para o desenvolvimento do cérebro ocorrer com normalidade, a criança necessita de um cuidador principal e de um ambiente que responda às suas necessidades. Sabe-se que, por norma, crianças que crescem em CA, apresentam mudanças estruturais e funcionais nos cérebros, o que conseqüentemente, afeta de forma negativa o seu desenvolvimento físico, emocional e cognitivo (Eurochild, 2017).

Ainda que exista pouca informação sobre o acompanhamento e preparação das famílias de acolhimento sabe-se que os procedimentos de preparação, acompanhamento e posterior acolhimento são elementos de grande importância, para o sucesso do AF. Desta forma, ressalta-se a importância da avaliação e seleção feita pelos técnicos e defende, assim como outros autores, a necessidade de acompanhamento e preparação destas famílias (Silva, 1998).

Seelick, Thoburn, e Philpot, (2004), defendem que quando existe sucesso no acolhimento familiar a curto prazo, este deve-se a procedimentos de seleção mais rigorosos, contacto regular entre as crianças e as suas famílias, visitas mais frequentes por parte de assistentes sociais para promover ligações entre os cuidadores e as crianças, e por fim, maiores esforços por parte dos trabalhadores sociais em trabalhar com as famílias biológicas das crianças.

No entanto, sabe-se que há falta de estratégias que avaliem a eficácia da seleção das FA, ainda assim, sabe-se que durante o período de recrutamento são transmitidas mensagens de incentivo às famílias para que assim se tornem famílias de acolhimento, acompanhadas de informações sobre formações, suporte e remuneração (Selick, Thoburn, & Philpot, 2004).

Delgado (2011) refere ainda que devemos salientar a importância das formações fornecidas às famílias de acolhimento, que cremos que também sejam de enorme importância, no que diz respeito ao sucesso destes processos.

Com tudo isto, Selick, Thoburn, e Philpot, (2004), defendem que é necessária investigação que diferencie os tipos de formação disponíveis, avaliando assim o conteúdo, processo e os resultados dos programas desenvolvidos.

Selick, Thoburn, e Philpot, (2004) têm a opinião de que o contacto entre os pais biológicos e as crianças acolhidas, trata-se de uma variável-chave, associada ao retorno das crianças às suas famílias. De salientar que o principal objetivo da intervenção dos serviços sociais, consiste em que a família biológica volte a reunir as condições necessárias para acolher novamente as crianças.

Desta forma, espera-se que quando usada a medida de AF, exista em paralelo, um trabalho com a família biológica, pois é pretendido que ocorra uma reunificação familiar, sempre que assim for possível e as dificuldades, de certa forma, ultrapassadas (Orte, 1999 cit in. Delgado, 2011).

Assim, torna-se evidente que a medida do AF seja, cada vez mais, uma opção para as crianças e jovens que necessitem de integrar medidas de acolhimento. Ao integrar esta medida, a criança pode usufruir de um contexto familiar alternativo, e construir relações de vinculação com figuras significativas alternativas.

Vinculação

A teoria da vinculação analisa relações de grande proximidade, com forte ligação emocional e duradouras, entre dois indivíduos. Estas relações são comparadas com a relação que é estabelecida entre a mãe, ou cuidador principal, e a criança (Bowlby, 1969).

Desde o início, Bowlby (1969) reconhece que o comportamento de vinculação tem uma importância vital para a espécie humana. Assim, Bowlby (1969) defendia que o bebé nasce com um sistema comportamental que tem como função protegê-lo do perigo e aproximá-lo de uma figura específica.

A relação de vinculação assenta na confiança que a criança deposita no seu cuidador principal (e na confiança que o reencontro com esse mesmo cuidador vai produzindo) assim como na satisfação das necessidades básicas da criança. Desta forma, a relação de vinculação

estabelecida com o seu cuidador principal, permite que a criança se sinta confiante para interagir com pessoas estranhas e consecutivamente possibilite o desenvolvimento cognitivo, moral e a linguagem (Bowlby, 1969).

Bowlby (1969) diz-nos que a confiança que a criança depositará no seu cuidador principal, irá determinar a forma como a criança irá explorar, brincar e aprender. Sabe-se também, que facilitar a exploração das crianças através de uma base segura, permite que a criança desenvolva autonomia e se consiga regular e gerir os seus comportamentos (Fonagy, Gergely, Jurist & Target, 2002).

A interação da criança com as figuras de vinculação que prestam cuidados são muito importantes. É ao longo destas interações que a criança vai construindo um conjunto de conhecimentos e expectativas, quer sobre a forma como as suas figuras de vinculação atuam e respondem aos seus pedidos de ajuda e proteção, quer sobre o seu valor próprio e capacidade de influenciar os outros. Estes vão influenciar a forma como a criança se comporta em situações relevantes para uma relação de vinculação (Soares, 2009).

Isto leva-nos a pensar na importância de proporcionar uma base segura a todas as crianças, pelo que tal como referem Schofield e Beek (2005), esta deve ser pensada como uma tarefa a ser desenvolvida também pelas famílias de acolhimento.

Sabe-se que as crianças que são incluídas em medidas de proteção, por norma, foram expostas a distúrbios sérios por parte dos seus cuidadores, experimentaram condições de vida ameaçadoras e assustadoras, condições essas, conhecidas por terem resultados problemáticos a longo prazo. Estas crianças são alvos de interrupções nas relações com os seus cuidadores principais, o que acaba por fazer com que muitas delas vivenciem episódios de sofrimento (Dozier, Albus & Fisher, 2002).

Devido aos episódios de rutura de relações na vida destas crianças e jovens, existe uma maior dificuldade, por parte das mesmas, em criar relações de vinculação.

Selick, Thoburn, e Philpot, (2004) defendem que a idade de colocação numa das medidas de proteção de crianças e jovens é fundamental. A vulnerabilidade a problemas emocionais decorrentes de dificuldades de vinculação, aumenta com a idade de colocação. No caso das crianças serem colocadas em FA durante o primeiro ano de vida, sabe-se que, serão capazes de organizar os seus comportamentos de vinculação, em torno da disponibilidade dos seus novos cuidadores (e.g., Stovall & Dozier, 2000; Román, Palacios, 2011).

Perante uma possibilidade de acolhimento, em muitos dos casos, estas crianças e jovens são capazes de manter ligações afetivamente duradouras com figuras significativas alternativas (Mota & Matos, 2008).

Apesar de sabermos que o AF tem benefícios para as crianças e jovens, comparativamente à medida do AR, autores defendem que estas crianças e jovens tendem a ser mais cautelosos, desconfiados e controladores, quando são integrados em medidas de acolhimento (e.g., Delgado, Fornieles, Costas & Brun-Gasca (2012); Barth, et. al, 2005).

No entanto, será importante salientar que é de extrema importância, estas crianças e jovens, desenvolverem relações de vinculação com figuras significativas, para que assim diminuam a vulnerabilidade face ao risco das situações que atravessam (Mota & Matos, 2008). Estudos mostram que os comportamentos dos cuidadores que integram as FA poderão ter um impacto e uma importância muito significativos e positivos durante o período de acolhimento das crianças e jovens que integram esta medida de proteção.

Carvalho Simões, Farate, Soares & Duarte (2013), são exemplo de alguns estudos que nos mostram e relembram a importância e o impacto que os comportamentos dos cuidadores poderão ter na criança.

Ainda que a literatura sobre intervenções baseadas em evidências para FA ou pais adotivos seja reduzida, os resultados preliminares fornecem evidências de que o comportamento adotado pelos cuidadores, poderá remediar parcialmente alguns défices precoces, ao nível do desenvolvimento. Desta forma, existem autores que relatam que os cuidadores devem ser responsivos, emocionalmente apoiantes, afetuosos e sensíveis. Defendem ainda, que não só a sensibilidade da figura de vinculação é um fator determinante para a qualidade do vínculo, mas também variáveis individuais e contextuais influenciam a qualidade da relação de vinculação, nomeadamente as práticas educativas que são utilizadas na educação das crianças, o contacto afetivo com a criança, a compreensão das suas necessidades individuais, entre outras, que podem ser trabalhadas com estas figuras de referência e que poderão amenizar as lacunas no percurso das crianças/jovens (e.g. Carvalho Simões, Farate, Soares & Duarte, 2013; Thompson & Raikes, 2003; Siqueira e Andriatte, 2005).

Devido a todas as dificuldades sentidas pelas crianças, as FA passam por vários desafios ao longo do processo de acolhimento, para conseguirem responder de forma positiva a todas as necessidades das crianças/jovens (e.g., Freire, Storino, L. , Horta, N., Magalhães, & Lima, (2008).

Estudos de Barth, et. al, (2005), sobre crianças que crescem em famílias de acolhimento durante muito tempo, chamam-nos atenção para esses desafios com que as famílias se deparam, nomeadamente, no que diz respeito ao conseguirem fornecer uma base segura para as crianças que vieram predominantemente de contextos em que sofreram abusos, negligência e também adversidade psicossocial. Embora constatemos que proporcionar uma base segura às crianças se trata de um desafio para as FA, sabemos também que esta medida de acolhimento, na sua essência, destina-se a proteger as crianças vulneráveis, privadas do contacto com os seus pais biológicos e privadas de cuidados , fornecendo-lhes assim um lar estável e seguro (Stovall-McClough & Dozier, 2004).

Com isto, devemos enfatizar a importância do estabelecimento e manutenção de vínculos afetivos (Rossetti-Ferreira et al., 2012), pois estas crianças precisam dos seus cuidadores, e neste caso, uma das qualidades que normalmente é mais descrita e necessária nas pessoas que acolhem, é a garantia de uma base segura para as crianças. Segundo Stovall-McClough e Dozier (2004), a qualidade da relação estabelecida com os cuidadores trata-se de um fator importante, que acaba por afetar a trajetória de desenvolvimento da criança.

Estudos defendem ainda que fornecer informações aos cuidadores, antes da colocação sobre os problemas que a criança sofreu, quer de abuso ou maus tratos pode ajudar a diminuir os problemas que podem surgir no futuro (Selick, Thoburn, & Philpot, 2004), pois é de extrema importância que os adultos que acolhem estas crianças ou jovens estejam capazes de lhes proporcionar um meio estável de confiança, de forma a serem capazes de proporcionar ligações afetivas seguras, o que de certa forma funciona como um fator protetor, permitindo assim que estas crianças/jovens sejam mais capazes de enfrentarem adversidades futuras (Matos, 2003).

Sabemos que cabe aos técnicos que têm contacto com as medidas de proteção, fornecer as informações sobre os problemas que as crianças sofreram, aos cuidadores que integram as FA, assim como sensibilizar, acompanhar e apoiar esses mesmos cuidadores para a importância de proporcionarem uma base segura às crianças/jovens que são integrados na medida de acolhimento.

Assim, torna-se importante perceber qual a perceção dos técnicos relativa à temática da vinculação. Num estudo feito em Portugal por Lopes e Cruz (2014), com técnicos que trabalham em Casas de Acolhimento, percebeu-se que estes defendem que a vinculação diz respeito à criação de laços afetivos e é vista com uma necessidade primária/básica. Desta

forma, todas as instituições inquiridas neste estudo, foram assumindo que as relações de reciprocidade, eram desejadas.

Deste modo, o presente estudo tem o propósito de contribuir para enriquecer o conhecimento neste domínio, partindo do pressuposto de que o conhecimento científico sobre a temática da vinculação tem implicações na atuação junto das famílias de acolhimento. Em seguimento com a revisão teórica efetuada, é objetivo geral deste estudo: Perceber o conhecimento científico dos técnicos do Acolhimento Residencial acerca da temática da vinculação e as implicações em termos da sua atuação junto das famílias de acolhimento por parte de diferentes técnicos que trabalham em casas de acolhimento.

Metodologia

Objetivos

Tendo em conta o objetivo geral do estudo, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

1. Compreender a perceção dos técnicos do Acolhimento no que diz respeito à medida do Acolhimento Familiar;
2. Conhecer o nível de conhecimento científico dos técnicos do acolhimento residencial no que diz respeito à temática da vinculação;
3. Perceber de que forma pode ser operacionalizada a temática da vinculação em termos da sua atuação junto das famílias de acolhimento, no entendimento dos técnicos do acolhimento residencial.

Fundamentação metodológica

O presente estudo enquadra-se na metodologia qualitativa. Esta metodologia de investigação tem como características o *setting natural*, pois aqui existe uma interação direta e privilegiada do investigador com os atores sociais. Aqui, o investigador observa diretamente os comportamentos, entrevista os participantes, através do guião de entrevista previamente construído, sendo este um método de recolha de dados privilegiado pela investigação qualitativa (Ritchie, 2003). O investigador é o instrumento chave na recolha de dados, considerando múltiplas fontes e procurando dar sentido às mesmas (Creswell, 2007).

O presente estudo assenta numa análise de cariz indutivo. O processo indutivo envolve-se numa dinâmica circular, focando-se nas perspetivas dos participantes, nos seus significados e visões subjetivas. A equipa de investigação foca-se no sentido do problema dos participantes e não em si próprios ou com base na literatura (Creswell, 2007).

Para análise de conteúdo, é necessário que exista uma formulação de objetivos analíticos. Esses mesmos objetivos, compreendem os aspetos das categorias a serem formadas. É através da análise de conteúdo, que o investigador aprofunda questões teóricas e consecutivamente pode fazer uma melhor compreensão dos dados (Elo & Kyngas, 2007; Bos & Tarnai, 1999).

Participantes

Num estudo qualitativo procura-se que os participantes sejam bons informantes, sejam capazes de articular e refletir sobre os conhecimentos e experiências relevantes para o fenómeno em estudo (Morse, 1994).

Este estudo contou com quatro participantes, três do sexo feminino e um do sexo masculino, que constituem a Equipa Técnica de uma Casa de Acolhimento da região norte.

A "I" é licenciada em educação social, tem 32 anos de idade e nove anos de experiência profissional, em acolhimento residencial. Acumula com as suas funções de educadora social, as funções de diretora técnica.

A segunda participante, "L", é licenciada em psicologia clínica, tem 35 anos de idade e é psicóloga na CA.

A "M" é licenciada em Serviço Social, tem 27 anos de idade e está neste momento a terminar o seu estágio profissional. Tem dois anos de experiência na área do AR, pois também realizou o seu estágio curricular nesta área.

Por fim, o "F" é mestre em psicologia, com especialização em psicologia clínica e da saúde, tem 43 anos de idade, e tem dois anos de experiência na área do AR. Tal como a "M" está a realizar o seu estágio profissional e também o seu estágio curricular foi desenvolvido na área do AR.

Estes participantes constituem uma amostra de conveniência, devido à proximidade com a equipa de investigação. A área de trabalho dos mesmos também constituiu um fator importante para sua escolha, devido à sua proximidade com medidas de acolhimento.

Instrumento

Atendendo ao objetivo geral do estudo, a equipa considerou que o método e recolha de dados mais ajustado seria a entrevista semiestruturada tendo, para o efeito elaborado um Guião de Entrevista Semiestruturado, tentando ir de encontro aos problemas que pretendíamos observar e focar e equilibrando a estrutura e a flexibilidade (Finch & Lewis, 2003).

Para a estabilização do guião, foi feita uma entrevista treino, no sentido de afinar as questões do mesmo. Assim, o guião (em anexo) abrangeu três principais tópicos: (i) a perceção dos técnicos do acolhimento residencial sobre a medida do AF, (ii) o nível de conhecimento científico dos técnicos sobre a temática da vinculação, (iii) operacionalização da temática da vinculação em contactos formais e informais com FA.

Procedimento de recolha de dados

O processo de recolha de dados decorreu entre abril e maio de 2017. A realização das entrevistas decorreu num gabinete silencioso da CA.

No momento de apresentação do consentimento informado, foram explicados aos participantes os objetivos do estudo, assim como foi pedida e fundamentada a gravação das entrevistas, foi assegurada aos participantes a confidencialidade dos dados e a sua participação voluntária no presente estudo.

Cada entrevista teve em média 30 minutos.

Procedimento de análise de dados

Na análise de dados privilegiamos a abordagem indutiva, orientada pelos objetivos de investigação, percorrendo as seguintes fases: transcrição das entrevistas dos participantes, leitura flutuante das mesmas, codificação e categorização, recorrendo ao Nvivo 11 (*Software for qualitative research*).

Após a leitura flutuante das entrevistas, o primeiro passo foi a organização dos conteúdos das entrevistas, criando categorias (Elo & Kyngas, 2007). Para a codificação das entrevistas, criaram-se códigos através da comparação constante do conteúdo. Procurou-se que estes códigos refletissem uma ideia completa procurando-se que o processo se mantivesse o mais próximo possível do discurso dos participantes (Denzin & Lincoln, 2005). Posteriormente à categorização dos dados, procuramos agrupar as categorias semelhantes,

procurando que o processo evoluísse para uma conceptualização crescente, criando categorias de ordem mais ampla (Burnard, 1991, cit. in Elo & Kyngas, 2007).

Análise de dados

De seguida, passamos a apresentar os resultados obtidos, orientada pelos objetivos formulados previamente.

(i) O1: Compreender a percepção dos técnicos do Acolhimento no que diz respeito à medida do Acolhimento Familiar.

Atendendo ao primeiro objetivo do presente estudo, percebemos que os técnicos apresentam diversas percepções relativas à medida do AF. Analisado o conteúdo das entrevistas, podemos assumir que as percepções que os técnicos apresentam como mais pregnantes, são referentes às **Percepções mais favoráveis** e **Percepções menos favoráveis** sobre a medida do AF. Para além disto, os técnicos elencam ainda **Condições** que consideram necessárias para o **AF ser favorável** assim como **Dúvidas** sobre a medida do AF.

A categoria **Percepções mais favoráveis**, relativas à medida do AF, são nomeadamente em comparação com a medida do AR. Salientam-se a Atenção individualizada (9 referências) prestada às crianças acolhidas em AF (M: "*poderia ter um impacto mais positivo, pela individualização dos cuidados que são prestados pelo facto de se prever que o AF aconteça num contexto em que há poucas pessoas envolvidas, poucas crianças acolhidas, isto tem um impacto positivo*"; L: "*vantagem passa logo pela questão da individualização dos cuidados, o facto de, o acolhimento familiar de acordo com aquilo que me parece, prevê que seja uma, duas crianças, se for uma fratria que possa ser integrada em conjunto(...)*"), salientam a importância de questões relacionadas com a Vinculação entre a criança e a FA (7 referências) aqui com especial enfoque no afeto proporcionado pelas FA (M: "*eu acho que no AF, a família deve dar o tal afeto, o tal mimo que as crianças não puderam ter por parte da FB*"), na importância das FA proporcionarem uma figura de referência às crianças acolhidas (I: "*as crianças que estão com a FA, as crianças que estão envolvidas, passam aqui a ter figuras de referência*"), na sensibilidade dos cuidadores (L: "*tudo vai de encontro às necessidades daquela criança, porque há uma dedicação, direccionada para aquela criança*"), e no sentimento de pertença e segurança da criança acolhida (F: "*Acho que o importante numa FA, é transmitir segurança à criança. Seja ela, emocional ou física*"). Ainda nas **Percepções mais favoráveis** os técnicos salientaram a formação às FA prévia ao acolhimento (4 referências) como algo de positivo e benéfico para o sucesso desta medida de acolhimento (L: "*Quero*

acreditar, que as crianças ao serem integradas nas famílias de acolhimentos, essa família passou por um bom processo de avaliação e formação"; I: "à partida estas famílias já têm formação, já tiveram formação e já estão preparadas para lidar com determinadas situações").

Desta forma, para que seja possível manter as **Percepções mais favoráveis** da medida do AF, os técnicos elencaram **Condições para o AF ser mais favorável** que consideraram necessárias para o sucesso do AF. Dentro desta dimensão salientaram-se a importância do ambiente familiar (10 referências) (L: *"a criança conhecer uma família estruturada, com hábitos saudáveis.*; I: *"vivenciar o que é uma família estruturada, e teriam aqui oportunidade de se desenvolverem de outra forma, que não têm no acolhimento residencial"*), a vinculação de qualidade (10 referências) (L: *"uma família de acolhimento tem que ser alvo de um trabalho ainda mais rigoroso, família de acolhimento tem, de ela própria ter o conceito de vinculação muito afinado, muito apurado."*), e a necessidade de formação das FA (8 referências) (I: *"permite dar resposta de imediato a determinadas questões que possam surgir, claro que à partida estas famílias já têm formação, já tiveram formação e já estão preparadas para lidar com determinadas situações"*; L: *"quero acreditar, que as crianças ao serem integradas nas famílias de acolhimento, essas famílias passaram por um bom processo de avaliação e formação"*).

No que diz respeito às **Percepções menos favoráveis** apresentadas pelos participantes, estes ressaltam os processos de vinculação (9 referências), com questões relativas à interrupção do vínculo (M: *"A família mesmo assim pode-se vincular à criança, e a criança igual, e depois não conseguimos aqui separar o vínculo com a família"*; L: *"pode ser que aqui a separação seja mais difícil do que numa instituição, lá está, por essa proximidade que se cria, essa vinculação que depois também é mais difícil, a separação, isso se calhar traz danos, não sei..."*), e ao sentimento de pertença (L: *"não sei de que tipo de família estamos a falar, mas pode ser uma família que já tenha outro filhos e aquela criança chega e é envolvida naquela dinâmica familiar, de que forma efetivamente aquela criança está ali como um elemento da família e não como uma visita, porque acho que é importante que a criança não tenha essa sensação de visita, ok não é para sempre mas também não tem que se sentir uma visita, então aí não há uma vinculação segura"*). Ainda relativamente às **percepções menos favoráveis** da medida de AF, na opinião dos técnicos, surgiram questões relacionadas com a articulação com a FB (3 referências) da criança acolhida (L: *"como é que lidam por exemplo com os contactos, com a família biológica, (...) esse também poderá ser um dos*

constrangimentos e dos desafios. (...) como é que se gere o contato da criança com a família biológica (...) isto pode gerar aqui conflito, e parece-me que pode ser uma das questões que eu receito a este nível.").

Os técnicos foram apresentando dúvidas e desconhecimento (10 referências) sobre a medida do AF (M: "*eu pouco sei sobre a medida de acolhimento familiar*"; L: "*tenho algumas dúvidas, não conheço o suficiente, pelo menos atualmente em relação à legislação atual para me pronunciar de uma forma muito alargada.*"; I: "*eu pessoalmente não conheço o modo de funcionamento do envolvimento da medida, nem como é operacionalizado*"; F: "*não sei qual a função do técnico, não sei que tipo de funções ele desempenha*").

(ii) O2: Conhecer o nível de conhecimento científico dos técnicos do acolhimento residencial no que diz respeito à temática da vinculação.

Para compreender o **conhecimento científico sobre vinculação**, procuramos perceber quais as dimensões que os técnicos destacam na temática da vinculação. Na dimensão **conhecimento científico sobre vinculação**, destacaram-se a sensibilidade (11 referências) (M: "*quando se escolhe uma família, para trabalhar com esta criança, para assegurar todas as necessidades da mesma*"; L: "*tudo vai de encontro às necessidades daquela criança, porque há uma dedicação à mesma*"; F: "*quando tem necessidades que pode contar com aquela figura. Necessidades afetivas, físicas...*"), importância da ligação emocional (8 referências) (M: "*acho que tem de haver ali ligação, apesar de tudo ligação, que é a tal vinculação, para que a família possa trabalhar esta criança*"; I: "*existir laços de parte a parte, é a criança sentir, para a criança se vincular bem(...)*"), afeto (6 referências) (M: "*eu acho que vinculação, é o afeto que nós podemos ter entre, pronto, neste caso entre a família e a criança*"; F: "*dimensão afetiva, acho que é a mais importante, não descurando as outras. Acho que a transmissão de afetos se uma criança está numa família*"), o estabelecimento de uma relação privilegiada (6 referências) (I: "*que exista o privilégio da relação de um para um ou de dois para um*"; L: "*onde se pode ter uma atenção mais individualizada*"), o sentimento de pertença e segurança (L: "*a vinculação sem dúvida é o nosso sentimento de pertença e de segurança*"; F: "*Em que sente que tem ali, que tem segurança, que tem apoio, tem alguém que o deixa explorar o mundo.*"). Registam-se também dúvidas sobre o conceito de vinculação (I: "*não tenho a teoria da vinculação na ponta da língua (...)*"; M: "*eu não sei falar muito disso*").

(iii) O3: Perceber de que forma pode ser operacionalizada a temática da vinculação em termos da sua atuação junto das famílias de acolhimento, no entendimento dos técnicos do acolhimento residencial.

No que diz respeito à **operacionalização da temática da vinculação**, no trabalho dos técnicos junto das famílias de acolhimento, os participantes referem importantes normas de atuação.

Na dimensão **Finalização do AF**, emerge a categoria corde relacional. Aqui surge como preocupação dos técnicos relativamente à finalização do vínculo criado entre a FA e a criança, durante o período de acolhimento (M: *"se for família anónima, que não seja ninguém da família alargada da criança, a desvantagem é só a este nível, deste aspeto de desvincular, porque depois a FA pode andar sempre em cima da criança"*; I: *"a CA não tem a mesma estrutura que uma FA, mas pelo menos não passa pela segunda retirada de uma segunda família, porque isto é uma retirada e nós temos de acautelar, eu penso que no acolhimento nós temos que acautelar essas situações"*; L: *"a separação seja mais difícil do que numa instituição, lá está, por essa proximidade que se cria, essa vinculação que depois também é mais difícil, a separação, isso se calhar tem danos, não sei..."*).

Relativamente às restantes práticas junto das FA, decidimos agrupar as mesmas em quatro principais dimensões, o **Acolhimento em FA**, a **Finalização do AF**, a **Monitorização do AF** e por fim, **Temas abordar com FA**.

Quanto à dimensão **Acolhimento em FA**, os técnicos salientam a importância de algumas práticas profissionais tais como a Supervisão do técnico (4 referências) (I: *"o que tem de ser aqui acautelado é que a criança seja acompanhada por quem a retira, e que á partida terá um maior reconhecimento em relação á sua historia de vida", "que haja uma supervisão, muito incisiva na fase inicial, pelo menos, para se prevenir eventuais situações de risco"*; L: *"Eu acho que tem que haver ali um acompanhamento muito próximo, uma supervisão quase, na fase inicial, não descredibilizando de todo aquela família, ou achando que não, mas nós estamos aqui a falar de coisas que são muito sérias e acho que numa fase inicial esta supervisão tem de ser muito mais intensiva, ou devia ser mais intensiva"*) e o contacto estabelecido entre FA e FB(3 referências) (I: *"que nos dias seguintes (ao acolhimento) existe uma grande comunicação com a família da criança, pelo menos no primeiro dia possa conhecer aquela casa, aquela família (FA)"; "tem que haver aqui alguma regulação em termos de visitas"*).

Na dimensão **Monitorização do AF**, os técnicos destacam a importância das práticas profissionais que valorizam a observação da interação da criança (6 referências) (I: " *Observar a interação, a interação da criança naquele contexto com aquela família, de que maneira se posiciona em relação e eles, coisas desse género*"; F: " *penso eu que seja as interações, como é que a família age com a criança, qual é o comportamento da criança com essa família, qual é o comportamento da família de acolhimento*"), a gestão de expectativas da criança face à FA e FB, assim como da FA e da FB face à criança (5 referências) (L: " *Acho que, lá está, as expetativas têm de ser trabalhadas, as perspetivas têm que ser trabalhadas e tudo muito realista, o mais realista possível*"; I: " *trabalhar expetativas, eu nessa parte não sei, lá está, não sei, mas a gestão de expetativas é que me deixa um bocadinho de pé atrás*"), a realização das visitas pelo técnico (5 referências) (M: " *Primeiro eu acho que as visitas do técnico têm de ser muito regulares á casa daquela família principalmente*"; F: " *O ideal para mim era uma vez por semana e se calhar uma vez por mês passar o fim-de-semana com a família de acolhimento (pausa) porque não acho suficiente*"), a importância das necessidades da criança e a garantia de resposta a essas (4 referências) (F: " *o trabalho deve ser ajustado ás necessidades, e deve ser elogiado os bons comportamentos e os valores, as boas interações entre a família, deve ser reforçado.*"; I: " *que a criança sinta que as suas necessidades, que os seus problemas, que as suas potencialidades estão a ser consideradas com aquelas pessoas que estão ali com ela, que ela passou a conhecer, e que está a conhecer*").

Na **Finalização do AF**, os técnicos destacam a importância das práticas que visam preparar a finalização do AF (6 referências) (I: " *Preparar a saída da criança, a criança tem de estar, tem de ser preparada para isto durante todo o acolhimento*"; L: " *ir preparando a família também para uma possível saída da criança e a criança também, estou-me a concentrar na família mas este trabalho ia ter que ser feito também com a criança em paralelo.*") e monitorizar a separação da relação de vinculação criada durante o processo de AF (5 referências) (L: " *porque se aquilo que nós pretendíamos era que fosse criada uma vinculação segura, nós não podemos querer que aquela criança de uma hora para a outra esqueça aquelas pessoas a quem se ligou nos últimos meses, sei lá se anos*"; M: " *lá esta, como eu disse se for família de acolhimento anonima, que não seja ninguém da família alargada da criança, é só a nível deste aspeto de desvincular para a família não andar sempre, porque depois a família de acolhimento pode andar sempre em cima da criança.*").

No que diz respeito aos **Temas abordar com FA** durante a formação/acompanhamento da FA, os participantes não salientaram particularmente as temáticas

relacionadas, diretamente, com a vinculação. Acreditamos que este resultado, seja reflexo das dúvidas sobre a teoria da vinculação e do pouco conhecimento que os técnicos mostraram ter sobre esta teoria, como podemos constatar no objetivo dois. Desta forma, os temas que os técnicos referenciaram como mais pertinentes recaíram sobre, Comportamentos mais frequentes nas crianças acolhidas (I: " *falar sobre as questões, os problemas de comportamento mais frequentes*"), o Perfil individual das crianças (L: " *uma criança que é retirada da família biológica, não é uma criança com as mesmas características de uma criança que nunca passou por isso e que cresceu numa família estruturada*"), o Projeto de vida da criança (I: " *acho que também indo falando sobre o projeto de vida da criança, mantendo ali as pessoas bem conscientes do que pode ser o futuro, acho que isso eram temas a debater sem dúvida*"), e por fim, a preparação Contactos e perfis das FB (M: " *estas famílias, pelo que eu sei, têm que manter contato com a família biológica, pronto. Ao manter contato com a família biológica, estas famílias têm de estar prontas, neste empate com as famílias, porque vai ter contato com elas, a criança vem vulnerável, vem, pronto, é uma das problemáticas que devem ser trabalhadas com estas famílias.*").

Discussão dos dados

No que diz respeito às perceções sobre a medida do AF, é possível verificar que existe uma ambivalência sobre as perceções sobre esta medida de acolhimento.

Relativamente às "perceções mais favoráveis" sobre a medida do AF, os técnicos salientam como algo positivo a "atenção individualizada" às crianças e jovens acolhidos em AF, ao contrário daquilo que, por norma, acontece no AR. Sabe-se que ao nível do desenvolvimento, o AF traz vantagens face ao AR, o que se deve, em grande parte aos cuidados e atenção que são típicos de uma família, que sabemos não ser possíveis em AR (Eurochild, 2014).

Outro aspeto que os técnicos referem como favorável no AF remete-nos para a "formação prévia" de que as FA devem ser alvo. Martins, (2005) e Selick, Thoburn e Philpot, (2004), são exemplo de alguns autores que nos mostram a importância que a formação apresenta no sucesso da medida do AF, nomeadamente, defendendo que a avaliação, seleção, o acompanhamento e preparação destas famílias são importantes complementos para o sucesso do AF.

Quanto às "percepções menos favoráveis" é possível verificar que os técnicos apresentam a "articulação da FA com a FB" como algo menos favorável na medida do AF. No entanto, sabe-se que o contacto da criança e da FA com a FB, está intimamente relacionado com a reunificação familiar. Sabe-se ainda que os técnicos que monitorizam a medida do AF, trabalham em paralelo com as FB, com o objetivo de que estas voltem a reunir as condições necessárias para se proceder à reunificação familiar (Selick, Thoburn, & Philpot, 2004; Orte, 1999 cit in. Delgado, 2011).

No que diz respeito às "condições para o AF ser mais favorável" apresentadas pelos técnicos, destacam-se dimensões como a importância de proporcionar um "ambiente familiar" às crianças acolhidas. Delgado (2011) defende isto mesmo, dizendo que embora a FA se trate de um lar novo e inteiramente desconhecido, tem como função proporcionar um contexto familiar alternativo à criança/jovem acolhido. Sabe-se ainda que o AF se trata de uma medida que permite o contacto com outros estilos de vida familiar que enriquece a criança ao nível das expectativas e importância que atribui à família (Gimeno, 2001). Em contrapartida, sabe-se que o AR embora possa oferecer boas condições materiais, ficam aquém no que diz respeito ao nível da estimulação, atenção individualizada e reabilitação. Relativamente à ausência de estimulação e outras práticas de cuidados, sabe-se que estas podem ter um impacto nocivo ao nível do desenvolvimento cognitivo, da segurança emocional, do desenvolvimento de relações de vinculação, desenvolvimento de competências, identidade, entre outras. A criança em AR, por norma, é privada de desenvolver uma ligação contínua com um cuidador de referência, devido ao insuficiente número de pessoas que compõem as equipas (técnica e educativa) e aos turnos rotativos nas CA (Eurochild, 2017). Sabe-se que ao nível do desenvolvimento o AF traz vantagens face ao AR, oferecendo, nomeadamente, práticas de cuidados e atenção individualizada, típicos de uma família (Eurochild, 2014; Eurochild, 2017).

Pode-se pressupor que a ambivalência de percepções dos técnicos sobre a medida do AF se deve à ausência de conhecimentos concretos sobre o trabalho que é feito com estas famílias. O facto de não terem conhecimento concreto sobre os processos de seleção, preparação, e formação destas famílias, pode estar na origem das inseguranças e dúvidas que os técnicos apresentam face a esta medida de acolhimento.

Quanto à dimensão da "vinculação", a mesma encontra-se presente no discurso dos técnicos, nas "percepções mais favoráveis" e nas "percepções menos favoráveis" do AF,

mostrando assim também uma ambivalência sobre as implicações da teoria da vinculação na avaliação do AF e do AR. Nas "percepções mais favoráveis" os participantes ressaltam a importância das crianças acolhidas encontrarem durante o período de acolhimento, o afeto, figuras de referência, e a sensibilidade nos acolhedores, que desta forma poderão responder às necessidades das crianças acolhidas. Por outro lado, na dimensão "percepções menos favoráveis", os participantes referem que a interrupção do vínculo, aquando da finalização da medida do AF poderá trazer mais danos para a criança/jovem, comparativamente à separação da criança da CA no AR e questionam a integração da criança na FA, nomeadamente no que diz respeito ao sentimento de pertença da criança à FA.

A ambivalência dos técnicos sobre as implicações da teoria da vinculação no acolhimento das crianças, leva-nos a refletir sobre a importância que a FA deve ter na vida de uma criança que integre esta medida de proteção. Pode-se pressupor que as crianças que são incluídas em medidas de proteção, foram expostas a distúrbios, condições de vida ameaçadoras e assustadoras que acabam por resultar em problemas a longo prazo (Dozier, Albus & Fisher, 2002). No entanto, sabe-se que a medida do AF tem como objetivo reorganizar a vida da criança/jovem acolhido, e que o comportamento adotado pelos cuidadores, poderá remediar parcialmente alguns défices precoces (Mota & Matos, 2008). Desta forma, as FA devem proporcionar uma base segura às crianças, apresentar cuidadores responsivos, emocionalmente apoiantes, afetuosos e sensíveis. Sabe-se ainda que práticas educativas que são utilizadas na educação das crianças, o contacto afetivo com a mesma, a compreensão das suas necessidades individuais, entre outras, que podem ser trabalhadas com estas figuras de referência e que poderão amenizar as lacunas existentes no desenvolvimento das crianças/jovens (e.g., Schofield & Beek, 2005; Carvalho Simões, Farate, Soares & Duarte, 2013; Thompson & Raikes, 2003; Siqueira e Andriatte, 2005).

A criação de ligações afetivas com figuras alternativas é ainda de extrema importância pois irá influenciar a forma como a criança se comporta em situações relevantes para uma relação de vinculação (Mota & Matos, 2008; Soares, 2009).

À luz dos modelos internos dinâmicos, sabe-se que quando existem eventos relevantes do ponto de vista da vinculação, a ocorrer na vida da criança, os modelos de vinculação são ativados de forma automática e fornecem ao indivíduo explicações imediatas sobre eles ou o conhecimento social necessário para a construção de novas explicações no momento (Collins, 1996). Desta forma, conseguimos perceber o quão importantes são as representações internas

que a criança tem da figura de vinculação, de forma a que, são a estas mesmas representações, que começam a ser desenvolvidas na infância, que a criança recorre nas representações do self e do outro, ao longo da vida (Bowlby, 1988).

No presente estudo, procurávamos perceber de que forma seria possível "operacionalizar a temática da vinculação", junto das famílias de acolhimento a partir das descrições das práticas dos técnicos. Ainda que os técnicos assumissem ter algumas dúvidas sobre a teoria da vinculação e "*não ter a teoria da vinculação na ponta língua*", revelaram algumas práticas que consideram importantes trabalhar com as FA, que estão intimamente ligadas à teoria da vinculação, ainda que de forma inconsciente.

Na dimensão "Finalização do AF" os técnicos apresentam uma dimensão relacionada com a temática da vinculação, o "corte relacional". Aqui os técnicos referem como principal preocupação a finalização do vínculo criado entre a FA e a criança, durante o período de AF.

Em estudos feitos por Lopes e Cruz (2014) percebeu-se que técnicos que têm contacto com medidas de acolhimento, defendem que a vinculação é vista como uma necessidade básica, sendo o vínculo visto como um sinónimo de alcance de autonomia na vida adulta das crianças acolhidas. Estes autores referem que embora muitas vezes, depois da reintegração familiar, seja possível as crianças manterem os laços afetivos com estas figuras significativas alternativas, após o fim das medidas de acolhimento, estes laços afetivos são rompidos, pelas crianças acolhidas, muitas vezes pela "necessidade" de esquecer o passado e a vontade de ser independente.

Desta forma, pode-se pressupor que, na maioria das vezes, o corte relacional não é imposto à criança/jovem, mas sim, trabalhado e feito de acordo com o seu tempo, necessidades e vontade, o que também é sinónimo de que a relação foi positiva no sentido de oferecer segurança e autonomia à criança.

Quando confrontados com os resultados obtidos sobre a temática e operacionalização da vinculação, colocamos como hipótese este estar associado a experiências passadas, vivenciadas pelos técnicos. O confronto com possíveis perdas vivenciadas pelas crianças acolhidas na CA, como por exemplo, o caso de famílias que desistam durante um processo de adoção ou de famílias amigas que possam romper com as visitas às crianças acolhidas, entre outros casos, podem estar na origem deste desconforto perante a possibilidade da medida do AF finalizar.

Relativamente à formação e ao trabalho a desenvolver com as FA durante e após o processo de acolhimento, sentimos que apesar da proximidade dos técnicos com as medidas de acolhimento, existiram algumas dificuldades em elencar temas e problemáticas a trabalhar com as FA. Imaginamos que este resultado possa estar associado ao facto do AF se tratar de uma medida pouco utilizada no nosso país.

No que diz respeito ao período do "Acolhimento da criança em FA", e à "Monitorização do AF" ao longo do processo de acolhimento, os técnicos apresentam a "supervisão do técnico" e as "visitas do técnico" como algo de extrema importância a operacionalizar, nomeadamente, nas primeiras semanas em que a criança está junto da FA, mas também com regularidade ao longo de todo o período de acolhimento. As visitas do técnico às FA têm como principal função a promoção de ligações entre os cuidadores e as crianças acolhidas, e por isso procura-se que as mesmas sejam efetuadas com alguma regularidade (Selick, Thoburn, & Philpot, 2004), .

A literatura existente, alerta-nos para a importância da qualidade da interação da criança com os seus cuidadores principais, pois sabe-se, que é ao longo destes períodos de interação que a criança vai construindo um conjunto de conhecimentos e expectativas, quer sobre a forma como as figuras respondem às suas necessidades, quer sobre o seu valor próprio valor (Soares, 2009). No presente estudo, os participantes ressaltam a importância do técnico, durante a "monitorização do AF", estar alerta para este mesmo aspeto, observando as "interações da criança" com os cuidadores da FA, procurando perceber e ajustar essas mesmas interações, para que as mesmas influenciem de forma positiva a criança no futuro em situações relevantes para si (Soares, 2009).

No que diz respeito aos Temas abordar com FA, como já referimos anteriormente, os participantes não abordaram temáticas relacionadas com a temática da vinculação. No entanto, alertaram-nos para a importância de transmitir às FA, as características, mais comuns, nas crianças que normalmente passam por medidas de acolhimento, assim como as características das suas FB. Como sabemos, este trata-se de um aspeto sensível e de extrema importância. Sabe-se que fornecer informações aos cuidadores sobre as características das crianças e sobre os problemas que sofreu poderá ajudar a mostrar às FA, a importância de proporcionar um meio estável à criança, possibilitando a criança a tornar-se mais capaz para enfrentar adversidades futuras e diminuindo a possibilidade de existirem problemas futuros para a FA (Matos, 2003; Selick, Thoburn, & Philpot, 2004).

Ainda que se saiba, que cabe aos técnicos que têm contacto com as medidas de proteção, fornecer as informações sobre os problemas que as crianças sofreram, e fornecer formações às FA, no sentido de garantir o sucesso da medida do AF, sabe-se que não existe investigação que diferencie os tipos de informação disponíveis, que avaliem o conteúdo e os resultados dos programas atualmente desenvolvidos (Delgado, 2011; Selick, Thoburn, & Philpot, 2004).

Embora neste estudo sentíssemos que os técnicos estariam pouco seguros sobre os temas que deveriam ser trabalhados com as FA, consideramos que estes resultados poderiam estar associados ao facto de existir pouca informação nesta área, nomeadamente, ao nível do acompanhamento, preparação, monitorização e formação das FA (Martins, 2005). Ressaltamos assim o facto, do sucesso da medida do AF estar intimamente ligado a este processo de acompanhamento por parte dos técnicos e de por isso existir uma necessidade emergente de investigar e diferenciar os tipos de formação disponíveis e consequentemente avaliar os processos e conteúdos dos programas já desenvolvidos.

Conclusão

A partir dos resultados deste estudo, concluímos que o processo do AF, e as relações de vinculação consequentes do período em que a criança está acolhida, suscitam uma série de diferentes perceções e dúvidas nos técnicos, que devem ser tidas em conta.

Os participantes deste estudo apresentam algumas reservas e algumas mais valias sobre a medida do AF. Ao nível das mais valias da teoria da vinculação, os técnicos ressaltam o a importância das crianças acolhidas, durante o período de acolhimento, encontrarem afeto, figuras de referência, e acolhedores sensíveis, que desta forma sejam capazes de responder às necessidades das crianças. Relativamente às reservas sobre teoria da vinculação, os técnicos referem restrições relativas à possibilidade de existir um corte relacional na relação de vinculação, entre a criança e a FA, aquando da finalização da medida de AF. Apesar das mais valias e reservas referidas pelos técnicos, não podemos descurar aquelas que têm sido as conclusões a que grande parte dos estudos têm chegado. Essas mesmas conclusões, defendem que o AF traz consigo a oportunidade da criança/jovem reorganizar os seus laços de vinculação, e que o AF pode proporcionar um contexto familiar alternativo, onde a criança tem a oportunidade de construir novos alicerces (Delgado, 2011; Zeldin, 1994 cit. in Delgado, 2010; Mota & Matos, 2008).

Relativamente à ambivalência sobre as implicações sobre a teoria da vinculação no AF, é possível verificar que os técnicos apresentam uma perceção menos favorável associada aos possíveis danos provocados pela interrupção do vínculo, aquando da finalização da medida do AF, mas que no entanto, reconhecem que é importante que as crianças acolhidas encontrem figuras de referência, que possam responder às suas necessidades. Estes resultados sublinham a necessidade de sensibilizar os técnicos para as necessidades que estas crianças apresentam, e para os riscos a que estão expostas no caso de não terem uma figura de referência durante o período de acolhimento, assim como para as mais valias que existem no caso de serem integradas numa família.

No que diz respeito aos temas a abordar na preparação das FA, será de salientar que nenhum dos técnicos referiu a importância de trabalhar com a FA, em formação, a temática da vinculação, e que todos eles mostraram alguma dificuldade em refletir sobre temas que considerassem importantes abordar durante sessões de formação com as FA. Através deste resultado, sublinhamos a importância de sensibilizar os técnicos para a necessidade e importância de trabalhar as questões da vinculação com as FA, assim como sensibilizar os mesmos para o facto do sucesso da medida do AF estar intimamente relacionado com as formações fornecidas às FA (e.g., Delgado, 2011; Siqueira, & Dell'Aglio, 2011).

Refletindo acerca das forças e limitações deste estudo, considera-se que o recurso à metodologia qualitativa, é um ponto forte, pois simultaneamente, valoriza as opiniões dos técnicos que trabalham no acolhimento e contribui para a reflexão dos participantes em relação à medida do AF. Também a procura da compreensão do papel das relações de vinculação no AF constitui-se como uma força neste estudo, atendendo à limitada investigação neste âmbito. Igualmente, como ponto positivo, destacamos a pertinência e atualidade de se explorar a temática do AF em Portugal, sendo esta ainda uma medida ainda tão pouco falada no nosso país.

Quanto às limitações deste estudo, estas prendem-se logo com o número reduzido de participantes, que não nos permitem fazer análises mais alargadas sobre as suas perceções e estratégias de atuação junto das FA. Além disso, o facto de os participantes serem todos da mesma CA, acaba por dar uma visão redutora daquelas que poderão ser as perceções e sugestões de estratégias de atuação.

Assim, para investigações futuras, podemos sugerir alguns aspetos como o aumento do número de participantes, e a inclusão de técnicos de outras CA, para que se possam fazer

comparações e tirar conclusões mais abrangentes. Sugerimos ainda, que investigações futuras procurem comparar as percepções sobre a medida do AF, entre técnicos e crianças que beneficiem da medida do AF; a criação de mais estudos que foquem, nomeadamente, o impacto das ligações afetivamente duradouras com figuras significativas alternativas, criadas em AF, para que seja possível fazer uma leitura mais compreensiva e abrangente do papel do cuidador e da importância da manutenção de vínculos no AF; e por fim, o desenvolvimento de ações para técnicos e para FA que promovam a reflexão sobre a importância de desenvolver condições estáveis e seguras para as crianças que integram medidas de acolhimento.

Referências Bibliográficas

- Barth, R., Crea, T., John, K., Thoburn, J. & Quinton, D. (2005). Beyond attachment theory and therapy: Towards sensitive and evidence-based interventions with foster and adoptive families in distress. *Child and Family Social Work, 10*, 257-268.
- Bos, W. & Tarnai, C. (1999). Content analysis in empirical social research. *International Journal of Educational Research, 31*, 659-671.
- Bowlby, J. (1969,1982). *Attachment and Loss* (Vol.1). Copyright.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and Loss* (Vol. 3). Copyright.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: clinical applications of Attachment Theory*. London: Routledge
- Campos, N. M. V. & Costa, L. F. (2004). A subjetividade Presente no Estudo Psicossocial da Adoção. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 17*(1), 95-104.
- Collins, N. L. (1996). Working models of attachment: Implications for explanation, emotion, and behaviour. *Journal of Personality and Social Psychology, 71*(4), 810-832.
- Costa, N. R. M. & Rossetti-Ferreira (2009). Acolhimento Familiar: Uma alternativa de Proteção para Crianças e Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 22*(1), 111-118.
- Creswell, J. W. (2007). *Qualitative inquiry and research method: Choosing among five approaches* (2nd. ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Delgado, L., Fornieles, A., Costas, C., & Brun-Gasca, C. (2012). Acogimiento residencial: problemas emocionales y conductuales. *Revista de Investigación en Educación, 10*(1), 158-171.
- Delgado, P. (2008). *Crianças e acolhedores: histórias de vida em famílias*. Porto: Profedições.

- Delgado, P. (2010). A experiência da Vinculação e o Acolhimento Familiar: reflexões, mitos e desafios. *Temas em Psicologia, 18*(2), 457-467.
- Delgado, P. (2010). A reforma do acolhimento familiar de crianças: conteúdo, alcance e fins do novo regime jurídico. *Análise Social, 15*(196), 555-580.
- Delgado, P. (2010). *O Acolhimento Familiar em Portugal. Conceitos, Práticas e Desafios. Psicologia & Sociedade, 22*(2), 336-344.
- Delgado, P. (2011). *O Acolhimento Familiar de Crianças: Uma Perspetiva Ecológica* (1ª ed). Porto: Profedições.
- Delgado, P., López, M., Carvalho, J., & Del Valle, J. (2015). Acolhimento Familiar em Portugal e Espanha: Uma Investigação Comparada sobre a Satisfação dos Acolhedores. *Psicologia, Reflexão e Crítica, 28*(4), 840-849. Doi: 10.1590/1678-7153.201528423.
- Dozier, M. & Lindheim, O. (2006). This is My Child: Differences Among Foster Parents in Commitment to Their Young Children. *Child Maltreatment, 11*, 339-345. DOI: 10.1177/1077559506291263.
- Dozier, M., Stovall, K. C., Albus, K. E., & Bates, B. (2001). Attachment for Infant in Foster Care: The Role of Caregiver State of Mind. *Child Development, 72*(5), 1467-1477.
- Dozier, M., Zeanah, C. H., & Bernard, K. (2013). Infants and Toddlers in Foster Care. *Child Development Perspectives, 7*, 166-197. doi: 10.1111/cdep.12033.
- Elo, S. & Kyngäs, H. (2007). The qualitative content analysis process. *Journal of Advanced Nursing, 62*(1), 107-115. doi: 10.1111/j.1365-2648.2007.04569.x

Eurochild (2017). *Opening Doors for Europe's Children*. Consultado em Eurochild em <http://www.eurochild.org/projects/opening-doors/>

Eurochild (2014). Deinstitutionalization and quality alternative care for children in Europe. Lessons learned and the way forward working paper. Consultado em Eurochild em http://www.openingdoors.eu/wp-content/uploads/2014/11/DI_Lessons_Learned_web_use.pdf

Freire, L. A. M., Storino, L. P., Horta, N. C., Magalhães, R., & Lima, T. (2008). O Acolhimento sob a ótica de profissionais da equipe de saúde da família. *Revista Min. Enfermagem*, 12(2), 271-277.

Finch, H., & Lewis, J. (2003). Focus group. In J. Ritchie, & J. Lewis (Eds.), *Qualitative research practice: A guide for social science students and researchers* (pp. 170-198). London, England: Sage Publications.

Fisher, P. A., Gunnar, M. R., Dozier, M., Bruce, J., & Pears, K. C. (2006). Effects of Therapeutic Interventions for Foster Children on Behavioral Problems, Caregiver Attachment, and Stress Regulatory Neural Systems. *Annals New York Academy of Sciences*, 1094, 215-225. doi: 10.1196/annals.1376.023

Fonagy, P., Gergely, G., Jurist, E., L. & Target, M. (2002, 2004). *Affect Regulation, Mentalization, and the Development of the Self*. UK: Copyright.

Graneheim, U. H. & Lundman, B. (2004) Qualitative content analysis in nursing research: concepts, procedures and measures to achieve trustworthiness. *Nurse Education Today*, 24, 105-112.

Gimeno, A. (2001). *A família*. O desafio da diversidade. Lisboa: Instituto Piaget.

Instituto de Segurança Social (2016). *CASA - Relatório de caracterização anual da situação de acolhimento das crianças e jovens*. Lisboa: Instituto de Segurança Social.

Instituto Nacional de Estatística. *Dados estatísticos*. Consulta em Instituto Nacional de Estatística em

https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0006396&contexto=bd&selTab=tab2

Lei nº142 de 8 de Setembro de 2015. *Diário da República nº175 – I série*. Ministério da Justiça.

Lopes, A. & Cruz, J. (2014). As relações de afeto na institucionalização de crianças e jovens: A voz de profissionais portugueses. *Investigação Qualitativa em Saúde*, 2, 140-145.

López, M., & Del Valle, J. (2016). Foster carer experience in Spain: Analysis of the vulnerabilities of a permanent model. *Psicothema*, 28(2), 122-129. Doi: 10.7334/psicothema2015.168

Martins, P. C. (2005a). O acolhimento familiar como resposta de protecção à criança sem suporte familiar adequado. *Revista Infância e Juventude*, 4, 63-84.

Martins, P. (2005b). A qualidade dos serviços de protecção às crianças e jovens: as respostas institucionais. Consultado em Repositório em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3163/1/A%20Qualidade%20do%20Servi%C3%A7os%20de%20Protec%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0s%20Crian%C3%A7as%20e%20Jovens%20-%20As%20respostas%20institucionais.pdf>

- Mota, C., P., & Matos, P., H. (2008). Adolescência e Institucionalização numa Perspetiva de Vinculação. *Psicologia & Sociedade*, 20(3), 367-377.
- Muñoz, M. R., & Parera, J. M. M. (2012). Introducción: Acogimiento y Adopción: Retos e Implicaciones para el Futuro. *Clínica y Salud*, 23(3), 199-204.
- Pereira, M., Soares, I., Dias, P. Silva, J., Marques, S., & Baptista, J. (2010). Desenvolvimento, Psicopatologia e Apego: Estudo Exploratório com Crianças Institucionalizadas e suas Cuidadoras. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(3), 222-231.
- Román, M. & Palacios, J. (2011). Separación, Pérdida y Nuevas Vinculaciones: El Apego en la Adopción. *Acción Psicológica*, 8(2), 99-111.
- Rosser, A. M. (2011). Evolución de los acogimientos familiares: Propuesta de actuaciones para la prevención de sus dificultades. *Anales de psicología*, 27(3), 729-738.
- Rossetti-Ferreira, M. C., Almeida, I., G., Costa, N., R., A., Guimarães, L., A., Mariano, F., N., Teixeira, S., C., P., & Serrano, S., A. (2012). Acolhimento de Crianças e Adolescentes em Situações de Abandono, Violência e Ruturas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(2), 390-399.
- Ritchie, J. (2003). The applications of qualitative methods to social research. In In J. Ritchie, & J. Lewis (Eds.), *Qualitative research practices: A guide for social science students and researchers* (pp. 24-46). London, England: Sage Publications
- Schofield, G. & Beek, M. (2005). Providing a secure base: Parenting children in long-term foster family care. *Attachment & Human Development*, 7 (1), 3-25.

- Sellick, C., Thoburn, J., & Philpot, T. (2004). *What works in adoption and foster care?* Barkingside, UK: Barnado's.
- Soares, I. (2009). *Relações de vinculaçãp ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (2ª ed). Braga: Psiquilibrios.
- Simões, S., C., S., Farate, C., Soares, I., & Duarte, J. (2013). Predição do apego de crianças em função do estilo educativo materno e do tipo de família. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26 (1), 168-176.
- Siqueira, L. A., & Andriatte, A. M. (2001). Um estudo observacional sobre o vínculo afetivo de três bebês abrigados em instituições. *Boletim de Iniciação Científica em Psicologia*, 2(1), 8-25.
- Siqueira, A. C., & Dell'Aglio, D. D. (2011). Políticas Públicas de Garantia do Direito à Convivência Familiar e Comunitária. *Psicologia & Sociedade*, 23(2), 262-271.
- Stovall, K., C., & Dozier, M. (2000). The development of attachment in new relationships: Single subject analyses for 10 foster infants. *Development and Psychopatology*. 12, 133- 156.
- Thompson, R., A., & Raikes, H., A. (2003). Toward the next quarter-century: Conceptual and methodological challenges for attachente theory. *Development and Psychopatology*. 15, 691-718. DOI: 10.1017.S0954579403000348.

Anexos

Anexo 1



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

Pedido de colaboração no estudo e Consentimento Informado

Tema: Vinculação em Famílias de Acolhimento: Conhecimentos e Práticas dos técnicos

Investigador Principal: Ana Sofia Trindade Pinho – Mestranda em Psicologia na especialização em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano – Universidade Católica Portuguesa do Porto.

Orientação: Professora(s) Doutora(s) Mariana Negrão, Lurdes Veríssimo e Elisa Veiga

Este estudo está a ser realizado no âmbito do Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano e tem como objetivos: compreender conhecimentos teóricos que os técnicos considerem relevantes para o trabalho com as famílias de acolhimento e práticas informadas por estes mesmos conhecimentos.

Deste modo, para recolha de dados, será realizada uma entrevista que se pretende que seja gravada em áudio para que exista um maior rigor na análise dos dados.

A sua participação é totalmente voluntária, pelo que poderá optar por interromper, esclarecer algum tipo de dúvida, ou desistir em qualquer momento da entrevista.

Caso não pretenda responder ou falar sobre algum assunto, a sua decisão será completamente respeitada.

Todos os dados que o/a possam identificar permanecerão completamente confidenciais. Os mesmos, nunca serão revelados, e desta forma assegura-se a sua privacidade e anonimato.

Qualquer dúvida que possa surgir durante o processo pode ser esclarecida junto de uma das orientadoras do projeto (mnegrao@porto.ucp.pt; lverissimo@porto.ucp.pt e eveiga@porto.ucp.pt).

Eu, _____, compreendi a explicação que me foi fornecida acerca do estudo em que serei incluído(a). Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que considere necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar em qualquer momento a minha participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo.

Por isso, consinto a minha participação no projeto “Vinculação em Famílias de Acolhimento: Conhecimentos e Práticas dos técnicos” proposto pela equipa de investigação.

Assinatura do/a participante:

Anexo 2

Guião de Entrevista Semiestruturada

A presente entrevista está a ser realizada no âmbito de um projeto de investigação sobre Famílias de Acolhimento, no Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano da Universidade Católica Portuguesa - Porto.

Este estudo tem como objetivos compreender os conhecimentos teóricos que os técnicos considerem relevantes para o trabalho com as famílias de acolhimento e práticas informadas por estes mesmos conhecimentos.

Pretendemos realizar esta entrevista com técnicos do Acolhimento Residencial, devido ao seu conhecimento e proximidade com a medida do Acolhimento Familiar.

Agradecemos, desde já, a sua disponibilidade. As suas respostas serão confidenciais e todos os dados que o/a possam identificar, nunca serão revelados e permanecerão no anonimato. Todas as suas respostas ao longo da entrevista serão apenas usadas para fins de investigação científica.

1º) Informações sociodemográficas do entrevistado	Qual o seu nome?
	Qual a sua idade?
	Quais as suas habilitações literárias?
	Há quantos anos trabalha na área do acolhimento residencial?
	Quais as funções que desempenha na casa de acolhimento

	onde se encontra a trabalhar?
--	-------------------------------

Objetivo Geral	Objetivos Específicos	Questões de Investigação	Questões ao Entrevistado
<p>Perceber o conhecimento científico acerca da temática da vinculação e as implicações em termos de atuação junto das famílias de acolhimento por parte de diferentes técnicos que</p>	<p>2º) Conhecer a perceção dos técnicos do Acolhimento no que diz respeito à medida do Acolhimento Familiar</p>	<p>Qual a perceção dos técnicos do acolhimento sobre a medida do acolhimento familiar?</p>	<p>Qual a sua opinião relativamente à medida do acolhimento familiar?</p>
			<p>Quais considera que sejam as vantagens e as desvantagens da mesma?</p>
			<p>Quais os desafios e eventuais necessidades que considera que um técnico que trabalha no Acolhimento Familiar, sente ao desempenhar as suas funções?</p>

trabalham em casas de acolhimento	3º) Compreender o nível de conhecimento científico dos técnicos do acolhimento familiar no que diz respeito à temática da vinculação	Qual o conhecimento científico dos técnicos sobre a vinculação?	De certeza que conhece o conceito de vinculação, se tivesse que constar uma definição sua sobre esse conceito num livro ou numa revista, como o definiria?
			<p>Imaginando o trabalho com famílias de acolhimento, quais seriam as suas principais preocupações de temas a abordar/trabalhar com estas famílias?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pedia-lhe que pensasse inicialmente na formação inicial destas famílias. • Agora pedia-lhe que pensasse no decorrer do processo de acolhimento e na monitorização deste.

			Daquilo que conhece da Teoria de Vinculação, considera que existam algumas dimensões que possam ser particularmente importantes para o trabalho no âmbito do acolhimento familiar e que devem ser explorados/trabalhados/avaliados durante o período de acolhimento?
	4º) Perceber de que forma pode ser operacionalizada a temática da vinculação nos contactos formais e informais com estas famílias	De que forma pode ser operacionalizada a temática da vinculação nos contactos formais e informais com as famílias de acolhimento?	<p>Tendo sempre em mente o sucesso da medida do acolhimento familiar, quais as características que considera importantes estarem presentes no perfil das Famílias de Acolhimento?</p> <p>Tendo presente a garantia do sucesso do acolhimento familiar, o que considera fundamental ter em consideração, na</p>

			articulação entre as características das crianças e das famílias de acolhimento?
			O que deve ser assegurado na fase de encaminhamento das crianças/jovens para as famílias selecionadas?
			Como imagina que pode ser realizada a monitorização no acolhimento inicial destas famílias com as crianças/jovens?
			Nas visitas domiciliárias à criança e à família, quais são os aspetos que considera que se devem analisar, observar ou trabalhar?
			O que deve ser assegurado na fase de

			finalização do acolhimento familiar?
--	--	--	--------------------------------------

Anexo 3

Sistema de categorias

1. Perceções sobre a medida do Acolhimento Familiar

1.1. Condições para o AF ser mais favorável

- 1.1.1. Adaptação
- 1.1.2. Ambiente Familiar
- 1.1.3. Atenção individualizada
- 1.1.4. Avaliação e Seleção das FA
- 1.1.5. Beneficiar FA sem filhos
- 1.1.6. Compreensão da história de vida da criança
- 1.1.7. Condições do espaço físico
- 1.1.8. Conhecer a Família de Acolhimento
- 1.1.9. Divulgação da medida
- 1.1.10. FA com relações de vinculação segura
- 1.1.11. FA imparciais
- 1.1.12. FA jovens
- 1.1.13. FA pacientes
- 1.1.14. FA reguladas e com recursos
- 1.1.15. Impacto do acolhimento
- 1.1.16. *Matching* entre a criança e FA
- 1.1.17. Monitorização do AF
- 1.1.18. Necessidade de formação
- 1.1.19. Resiliência e assertividade nas FA
- 1.1.20. Resposta às necessidades da criança
- 1.1.21. Trabalho prévio com as famílias
- 1.1.22. Vinculação segura

1.2. Dúvidas

1.3 Perceções mais favoráveis

- 1.3.1. Ambiente familiar

- 1.3.2 Cuidados individualizados
- 1.3.3. Desenvolvimento integral da criança
- 1.3.4. Formação às FA prévia ao acolhimento
- 1.3.5. Perspetivas da realidade mais alargadas
- 1.3.6. Redução do impacto do acolhimento

1.4. Perceções menos favoráveis

- 1.4.1. Articulação com a FB
- 1.4.2. Ausência de *matching* entre criança e FA
- 1.4.3. Ausência de tempo e de recursos dos técnicos
- 1.4.4. Estrutura familiar
- 1.4.5. FA não ser da família alargada
- 1.4.6. Finalização da medida de AF
- 1.4.7. Gestão de expectativas
- 1.4.8. Inexistência de avaliação, formação e monitorização
- 1.4.9. Integração na FA
- 1.4.10. Questões monetárias
- 1.4.11. Rutura com a FA
- 1.4.12. Vinculação

1.5. Vantagens do AF face ao AR

2. Conhecimento científico sobre vinculação

- 2.1. Afeto
- 2.2.. Disponibilidade
- 2.3. Cuidado da criança
- 2.4. Relação privilegiada
- 2.5. Sentimento de pertença e segurança
- 2.6. Regras e limites
- 2.7. Dúvidas
- 2.8. Perceção dos técnicos
- 2.9. Ligação emocional
- 2.10. Sensibilidade
- 2.11. Vinculação de qualidade

2.12. Ausência de vinculação de qualidade em AR

2.13. Confiança

2.14. Rotinas

2.15. Observação

3. Questões práticas da vinculação

3.1. Acolhimento em FA

3.1.1. Comunicação

3.1.2. Conhecer a criança

3.1.3. Conhecer a FA

3.1.4. Contactos informais

3.1.5. FA conhecer a FB

3.1.6. Observar ligação inicial

3.1.7. Supervisão do técnico

3.2. Monitorização do AF

3.2.1. Ambiente protetor

3.2.2. Entrevistas individuais à FA

3.2.3. Gestão de expectativas

3.2.4. Integração da criança

3.2.5. Interação da criança

3.2.6. Monitorizar formação inicial

3.2.7. Resposta às necessidades da criança

3.2.8. Visitas da FB

3.2.9. Visitas do técnico

3.3. Finalização do Acolhimento Familiar

3.3.1. Envolvimento da FA

3.3.2. Finalização de contactos com a FB

3.3.3. Monitorização de contactos após a finalização do AF

3.3.4. Necessidades da criança

3.3.5. Preparar a finalização do AF

3.3.6. Vinculação

3.4. Temas abordar com FA

- 3.4.1. Comportamentos mais frequentes nas crianças (acolhidas)
- 3.4.2. Contactos e perfis das FB
- 3.4.3. Contextualização legal
- 3.4.4. Dificuldades das FA
- 3.4.5. Elogio
- 3.4.6. Função da FA
- 3.4.7. Perfil das crianças
- 3.4.8. Projeto de vida da criança
- 3.4.9. Punição
- 3.4.10. Regras e limites
- 3.4.11. Riscos sociais

Anexo 4

Codificação e categorização com descrição das categorias

1. Percepções sobre a medida do acolhimento Familiar				
1.1. Condições para o AF ser mais favorável				
Pretende-se que a medida do AF seja vantajosa para a criança. Para isso, os técnicos do AR consideram que existem um conjunto de condições para que esta medida tenha sucesso.				
Código	Designação	Número de fontes	Número de referências	Exemplo dos dados
1.1.1.	Adaptação	3	4	I: "Perceber até que ponto aquela criança está a conseguir adaptar-se aquela família, de que modo a família está adaptar-se às características da criança."
1.1.2.	Ambiente Familiar	2	10	L: "Criança (...) saber o que é uma família estruturada, com hábitos saudáveis, porque à partida se saio da família biológica, é porque essa família não reunia essas condições"
1.1.3.	Atenção individualizada	3	8	I: "Parece-me que a grande vantagem passa mesmo pelo acompanhamento

				individualizado"
1.1.4.	Avaliação e Seleção das FA	2	6	L: "quero acreditar, que as crianças ao serem integradas nas famílias de acolhimento, essa família passou por um bom processo de avaliação"
1.1.5.	Beneficiar FA sem filhos	1	2	M: "acho que não seja pertinente terem, isto é a minha opinião (...) não sei porque, vai quebrar ali um bocadinho a focagem para a criança, porque vai ter os filhos dela, vai-se preocupar mais com os filhos (...)"
1.1.6.	Compreensão da história de vida da criança	1	5	L: "Eu acho que a família que vai receber aquela criança, tem que ter toda a informação necessária, mínima necessária, sobre aquela criança, no sentido de quando a receberem estarem preparados para tudo, o bom e o mau"
1.1.7.	Condições do espaço físico	2	3	L: "perceber se efetivamente, se também o espaço físico está adaptado aquela criança, ou seja, se não foi só a família que recebeu a criança, mas também a casa, (...)"
1.1.8.	Conhecer a Família de Acolhimento	2	4	I: "conhecer melhor as famílias com quem se trabalha, perceber se as crianças, se aquelas crianças, com aquelas características, podem ser

				integradas naquelas famílias (...)"
1.1.9.	.Divulgação da medida	1	2	I: "parece-me que não é divulgado o suficiente e por um lado isto cria, cria aqui alguma barreira(...)"
1.1.10.	FA com relações de vinculação segura (compreender se as FA têm exemplos de vinculação segura na sua história de vida)	1	1	L: "Acho que outra das características destas famílias é após analisar também a vida passada destas pessoas, a infância delas, elas próprias também terão passado por uma vinculação segura? Acho que isto também é importante. Não condiciona, mas pode condicionar uma pessoa que na infância não tenha tido o privilégio de uma vinculação segura, pode ter aqui algumas limitações para conseguir estabelecer uma vinculação segura"
1.1.11.	FA imparciais	1	2	M: "A família de acolhimento tem de ser imparcial em todo tipo de situações"
1.1.12.	FA jovens	1	1	M: "Quanto mais velho for pior, porque as mentalidades são mais diferentes"
1.1.13.	FA pacientes	1	1	M: "serem pacientes, porque eu acho que efetivamente há um tempo, aquilo tem dias e horas contadas, e é decisivo se ultrapassam aquela fase é

				sucesso garantido, se há alguma falha nessa fase, isto pode-se prolongar por tempos e tempos e aí pode não haver sucesso."
1.1.14.	FA reguladas e com recursos	1	2	F: "Devem ser pessoas reguladas emocionalmente, devem ter uma vida mais ou menos tranquila, estável, com alguns recursos sociais, recursos económicos, emocionais (...)"
1.1.15.	Impacto do acolhimento	2	3	I: "Poderá ser uma medida que reduza o impacto do acolhimento"
1.1.16.	. <i>Matching</i> entre a criança e FA	2	4	I: " (...) eu vejo isso como um constrangimento no acolhimento familiar que é, pode haver muito boa vontade por parte da família, mas perceber se além da boa vontade, existe de facto uma boa estrutura que permite integrar aquela criança com aquelas características, esse <i>matching</i> parece-me que é um desafio(...)"
1.1.17.	.Monitorização do AF	2	4	I: "parece-me que esta supervisão e esta disponibilidade do técnico-gestor do processo ao nível do acolhimento familiar poderá ser um fator decisivo para que as coisas corram de forma tranquila (...)"
1.1.18.	Necessidade de formação	2	8	L: "quero acreditar, que as crianças ao serem integradas nas famílias de acolhimento, essa família passou por um bom

				processo de avaliação e formação"
1.1.19.	Resiliência e assertividade nas FA	1	2	L: "competência nas funções parentais com esta criança, eu acho que a capacidade de resiliência, assertividade, são muito importantes"
1.1.20.	Resposta às necessidades da criança	3	8	M: "selecionadas as necessidades e a problemática desta criança, é essencialmente ver se foi correspondido aquilo que a criança exige e necessita."
1.1.21.	Trabalho prévio com as famílias	1	2	L: "estas famílias têm de ser trabalhadas logo à partida que vão receber uma criança(...)"
1.1.22.	Vinculação segura	3	10	L: "numa instituição onde a atenção é partilhada, não há uma vinculação tão segura porque há uma vinculação a várias pessoas, a várias figuras de referência e isto não nos dá tanta segurança (...)"
1.2. Dúvidas				
Os técnicos do AR apresentam dúvidas sobre a medida do AF.				
1.2.	Dúvidas (técnicos apresentam dúvidas e desconhecimentos sobre a medida do AF)	3	10	F: "É divergente, a minha opinião em relação á medida é divergente, porque (pausa) estou de acordo e não estou de acordo, acho que esta medida devia ser explorada e bem mais estudada"

1.3. Percepções mais favoráveis

Os participantes do presente estudo apresentam percepções positivas sobre a medida do AF.

1.3.1.	Ambiente familiar	3	5	I: "mas o acolhimento familiar o que prevê também, é que aquelas crianças estejam integradas num núcleo familiar, numa casa de família, não numa instituição, porque por muito que uma casa de acolhimento tente aproximar-se do que é o funcionamento de uma família, não é a mesma coisa."
1.3.2	Cuidados individualizados	3	8	L: "O facto da criança ter atenção individualizada, é tudo muito mais personalizado"
1.3.3	. Desenvolvimento integral da criança	1	1	I: "a vivenciar o que é uma família estruturada, e teriam aqui oportunidade de se desenvolverem de outra forma, que não têm no acolhimento residencial"
1.3.4.	Formação às FA prévia ao acolhimento	2	4	I: "permita dar resposta de imediato a determinadas questões que possam surgir, claro que á partida estas famílias já têm formação, já tiveram formação e já estão preparadas para lidar com determinadas situações"

1.3.5.	Perspetivas da realidade mais alargadas	2	2	M: "ah, o facto de por exemplo as crianças terem perspetivas da realidade muito mais alargadas do que aqui (em AR)"
1.3.6.	Redução do impacto do acolhimento	2	3	I: "Poderá ser uma medida que reduza o impacto do acolhimento"
1.4. Perceções menos Favoráveis				
Perceções que remetem para possíveis desvantagens da medida do AF				
1.4.1.	Articulação com a FB	2	3	I: "como é que se gere o contato da criança com a família biológica, que muitas vezes e nós sabemos que cria expectativas irrealistas á criança, como é que nós gerimos essas expectativas que a família biológica cria e as expectativas que são criadas depois pela criança ou pela família que está a fazer o acolhimento. (...) parece-me que pode ser uma das questões que eu receito a este nível."
1.4.2.	Ausência de <i>matching</i> entre criança e FA	1	3	I: "(...) pode haver muito boa vontade por parte da família, mas perceber se além da boa vontade, existe de facto uma boa estrutura que permite integrar aquela criança com aquelas características, esse <i>matching</i>

				parece-me que é um desafio muito grande."
1.4.3.	Ausência de tempo e de recursos dos técnicos	1	3	F: "eu acho que o técnico do acolhimento familiar, não consegue ter essa percepção. Embora trabalhe com a família de acolhimento e a família de origem, acho que não consegue ter a percepção que nós temos aqui das dificuldades destas crianças e destas famílias."
1.4.4.	Estrutura familiar	1	1	I: "(...) pode ser a família mais bem intencionada do mundo, com as melhores condições económicas, com as melhores condições até familiares, (...), de integração no emprego, mas podem não ter estrutura depois para lidar com uma criança que seja mais desafiante a nível comportamental"
1.4.5.	FA não ser da família alargada	1	3	M: "é assim pelo aquilo que eu também já tentei perceber, acho que o acolhimento familiar também pode ser na família alargada. Se for assim, menos mal porque, o suposto aqui no acolhimento residencial é nos também encontrarmos a família alargada(...)"
1.4.6.	Finalização da medida de AF	3	3	I: "depois esta situação da criança regressar a casa, se a criança tiver uma medida de adoção, tem que ser geridas em

				conformidade e este trabalho é um trabalho que tem que ser muito bem feito, porque aquela criança, não pode sentir que aquelas pessoas deixam fazer parte da vida dela, se já fizeram durante não sei quanto tempo."
1.4.7.	Gestão de expectativas	2	3	L: "depois poderá alimentar as expectativas de ficar com aquela criança, e isso não poder ser definido como um projeto de vida, acho que aí sim, é um grande desafio que o técnico tem pela frente, gerir as expectativas de um lado e de outro, (...)"
1.4.8.	Inexistência de avaliação, formação e monitorização	1	1	L: "desvantagens, eu acho que poderão existir, se lá está, não houver essa formação e essa avaliação cuidada e um acompanhamento da família"
1.4.9.	Integração na FA	2	2	L: "mas pode ser uma família que já tenha outro filhos e aquela criança chega e é envolvida naquela dinâmica familiar, de que forma efetivamente aquela criança está ali como um elemento da família e não como uma visita, (...) não tem que se sentir uma visita, então aí não há uma vinculação segura"
1.4.10.	Questões monetárias (Caso a FA tenha interesse em acolher a criança por razões	1	1	I: "Tenho algumas reservas, mas talvez pelo facto de que há uns anos atrás o acolhimento familiar, tinha uma conotação,

	económicas)			ou ganhou uma conotação um bocadinho negativa, falava-se muito das famílias que ficavam com as crianças, (...) por causa de questões económicas, do dinheiro"
1.4.11.	Rutura com a FA	1	1	I: "casa de acolhimento, não tem a mesma estrutura do que uma família de acolhimento, mas pelo menos não passa pela segunda rutura de ser retirada de uma segunda família, porque isto é uma retirada, e nós temos de acautelar, (...) essas situações"
1.4.12.	Vinculação	4	9	M: "Agora se for numa família que não tenha qualquer ligação familiar com esta criança, a desvantagem é mesmo a questão da vinculação. (...)pode-se vincular á criança, e a criança igual, e depois não conseguirmos aqui separar o vinculo com a família."
2. Conhecimento científico sobre a vinculação				
O que o técnico perceciona como sendo vinculação				
2.1	Afeto	3	6	M: " Eu acho que vinculação, é o afeto que nós podemos ter entre, pronto, neste caso entre a família e a criança (..)"

2.2	Disponibilidade	2	3	L: "(...) tem que haver uma disponibilidade enorme, para receber aquela criança como se efetivamente fosse deles (...)"
2.3	Cuidado da criança	2	2	L: " iria certificar-me de certeza se também no que diz respeito às questões de higiene, alimentação, se tudo isso não está a ser descurado, (...)"
2.4	Relação privilegiada	2	6	I: " que exista o privilégio da relação de um para um ou de dois para um"
2.5.	Sentimento de pertença e segurança	3	6	L: " (...) se aquela pessoa que está ali em casa é uma pessoa estranha, ou é uma pessoa da família"
2.6.	Regras e limites	1	2	L: " eu não estou aqui a falar só de mimar, de dar colo a esta criança, dar afeto, a vinculação não é só isso, a questão de conseguir impor regras e limites adequados aquela criança, tudo isso faz parte (...)"
2.7.	Dúvidas (os técnicos apresentam algumas dúvidas e incertezas sobre a teoria)	2	2	I: "Não tenho a teoria da vinculação na ponta da língua mas aquele que me parece que deve ser trabalhado"
2.8.	Perceção dos técnicos (a perceção dos técnicos sobre aquilo que consideram ser a vinculação)	2	2	M: " Eu acho que vinculação, é o afeto que nós podemos ter entre, pronto, neste caso entre a família e a criança, acho que demonstra o carinho, o afeto e a ligação que

				temos para com aquela criança."
2.9	Ligação emocional	3	8	I: " porque nós também sabemos que, que facilmente pela sensibilidade que vamos tendo, ao longo do tempo e pela ligação que vamos criando com a criança, podemos vir, nós próprios família de acolhimento, aqui a alimentar algumas expetativas (...)"
2.10	Sensibilidade	4	11	M: " eu acho que o acolhimento familiar, a família deve dar o tal afeto, o tal mimo que as crianças não puderam ter por parte da família biológica"
2.11.	Vinculação de qualidade (Para se conseguir uma vinculação de qualidade é necessário esclarecer com as FA a importância desse conceito)	3	5	L:" para que se possa mesmo chegar a uma vinculação segura da criança naquele seio familiar, é importante que estejam bem definidos os conceitos de emoções, sentimentos (...)"
2.12	Ausência de vinculação em AR	1	1	L:" não há uma vinculação tão segura porque há uma vinculação a várias pessoas, a várias figuras de referência e isto não nos dá tanta segurança como nós sabemos que temos ali (...)"
2.13.	Confiança	1	1	L: " vai querer certificar-se que efetivamente aquelas pessoas estão ali para ela, e isto é um desafio"

2.14.	Rotinas	1	1	L: " conhecer aquela criança, saber o que é que ela traz, e á medida que forem percebendo isso, irem introduzindo com calma, aquilo que é uma rotina saudável."
2.15	Observação (é importante observar a criança para compreender quais as suas características e de que forma podemos responder às suas necessidades)	1	1	I: "(...) uma criança que seja demasiado ansiosa, nós não vamos dizer dois meses antes, mas uma criança que saibamos que vai ter tempo de integrar isto (...)"
3. Questões práticas da Vinculação				
Os participantes do presente estudo apresentam formas de operacionalizar a temática da vinculação, no trabalho com as famílias de acolhimento				
3.1. Acolhimento em FA				
Práticas durante o acolhimento que os técnicos consideram que se devem adotar				
3.1.1	Contactos informais	1	1	I: " a criança inicie contatos informais com a família, informais no sentido de não ter um peso, em termos de, não ser uma coisa que tenha um peso para a criança (...)"
3.1.2	Observar ligação inicial	1	2	I: " ser dada a oportunidade, se se percebe que efetivamente a criança está aqui a dar sinais de que, de que gosta desta família, de que pode ser uma integração

				bem sucedida e se até se propõe esta situação e se pensa esta situação, como uma solução fiável"
3.1.3	Conhecer a FA	1	2	I: " e pronto dentro que é possível, ter ali um dia pelo menos de uma adaptação inicial sem que tenha interferência externa, neste caso da família de origem"
3.1.4	FA conhecer FB	1	3	I: " dar também a conhecer á família, a família da criança, proporcionar pelo menos, um momento dois, três momentos em que a criança estará com a sua família, e a família de acolhimento tenha contacto com a mesma para perceber quem são, como se posicionam e se efetivamente os técnicos também perceberem, se efetivamente a situação tem ali pernas para andar ou se não."
3.1.5.	Supervisão do técnico	2	4	L: " Eu acho que tem que haver ali um acompanhamento muito próximo, uma supervisão quase, na fase inicial, não descredibilizando de toda aquela família, ou achando que não, mas nós estamos aqui a falar de coisas que são muito sérias e acho que numa fase inicial esta

				supervisão tem de ser muito mais intensiva, ou devia ser mais intensiva".
3.1.6.	Comunicação	1	1	I: " eu penso que o mais importante nessa fase poderá ser mesmo ser a comunicação, a comunicação entre todas as partes, tem que haver uma comunicação positiva entre todas as partes e rápida,"
3.1.7.	Conhecer a criança	1	1	L: " ajuda-las a perceber a fazer o acolhimento daquela criança, a conhece-la, serem preparados, sensibilizados para se permitirem numa primeira fase conhecer aquela criança, saber o que é que ela traz, e á medida que forem percebendo isso, irem introduzindo com calma, aquilo que é uma rotina saudável."
3.2. Monitorização do AF Acompanhamento, feito pelo técnico, ao longo da medida de AF				

3.2.1.	Visitas da FB	3	3	M: " iria a família biológica entrar em contato diretamente com a família de acolhimento se houvesse alguma situação que fosse assim de mais constrangimento, isso sim articulava connosco e, pronto, se houvesse assim um caso mais de risco, eu acho que ai cancelar-se-ia as chamadas e entraríamos, faríamos nós o balanço entre a família biológica e a família de acolhimento."
3.2.2.	Integração da criança	1	2	I: " perceber em termos de integração escolar como é que a criança se integrou naquele, não só no agregado mas também na escola, na comunidade, com aquela família alargada, com os amigos da família, como é que a criança age com os filhos, se houver com os primos, com os primos da família, com outras crianças da comunidade, se mostra interesse por ir para atividades extra, que atividades, o que é que existe, o que é que, ou se por outro lado se isola"
3.2.3.	Gestão de expectativas	2	5	I: " perceber até como é que a própria família se vai posicionando e mais uma vez gerir expetativas quando se

				percebe que começa a existir ou possa começar existir aqui expetativa que aquela criança vai ficar eternamente connosco, tentar gerir de um lado e de outro."
3.2.4.	Resposta ás necessidades da criança	2	4	I: " aquela família seja capaz de responder ás necessidades daquela criança, naquele momento e que lhe permitam quando ela sair da família, da sua casa de acolhimento, puder ter levado aqui uma bagagem, puder tendo aqui crescido e desenvolvido as varias competências que tem de desenvolver para conseguir evoluir, é isso que se pretende."
3.2.5.	Ambiente protetor	1	1	I: " e que de alguma forma seja um ambiente protetor, que permita á criança dar-se e ter espaço para crescer, seja a que nível for, seja a que níveis for, não só, lá está,"
3.2.6.	Interação da criança	3	6	L: " Interação, antes de tudo, interação, criança, família, se aquela pessoa que está ali em casa é uma pessoa estranha, ou é uma pessoa da família, antes de tudo perceber isso, se há uma interação, um contacto distanciado, que nós

				conseguimos perceber quer pela postura física, quer pela expressão verbal, e quer da família para a criança, quer da criança para a família e se houver sinais quer de um lado, quer de outro, precocemente trabalhar isso, para evitar que a coisa corra mal, porque se isso acontecer vai correr mal de certeza."
3.2.7.	Visitas do técnico	3	5	M: " É assim, com as tais visitas, acho que devemos fazer visitas, regularmente para ver se esta a ser, se estão a corresponder às necessidades da crianças"
3.2.8.	Entrevistas individuais á FA e á criança	2	2	L: "(...) acho que indo fazendo uma entrevista individual quer com a criança, quer com a família, e em conjunto"
3.2.9.	Monitorizar Formação inicial	1	1	F: "Durante o processo devia-se monitorizar a formação que se deu à FA"
3.3.Finalização do Acolhimento Familiar Durante a finalização da medida do AF devem ser asseguradas um conjunto de práticas				

3.3.1	Preparar a finalização do AF	2	6	I: "Preparar a saída da criança, a criança (...) tem de ser preparada para isto durante todo o acolhimento"
3.3.2	Necessidades da criança	1	2	I: "a criança tem de ser trabalhada (...) de acordo com aquilo que sejam as suas necessidades (...)"
3.3.3	Envolvimento da FA	1	3	L: "Eu acho que na fase de finalização do acolhimento, esta família tem que ser envolvida (...)"
3.3.4.	Vinculação	3	5	L: "porque se aquilo que nós pretendíamos era que fosse criada uma vinculação segura, nós não podemos querer que aquela criança de uma hora para a outra esqueça aquelas pessoas a quem se ligou nos últimos meses, sei lá se anos"
3.3.5.	Monitorização de contactos após a Finalização (da medida do AF)	1	1	M: "devia-se nem que seja com a instituição, mas tentar saber como está a criança, como se encontra, se a criança conseguiu adotar os comportamentos que lhe foi ensinado pela família de acolhimento,(...)"
3.3.6.	Finalização de contactos com a FB	1	1	M: "porque depois a família não vai conseguir corresponder e se calhar depois a família biológica também pode sempre andar em cima da família de acolhimento, para tentar pedir ajuda(...)"

3.3.7.	Corte relacional (Técnicos consideram que após a finalização da medida do AF terá/poderá existir um corte na relação de vinculação)	4	17	F: "interação que foi feita nesse processo, dos vínculos que se criaram nesse processo com a família de acolhimento, se a criança criou o vínculo e eu não sei se a criança se depois de dois ou três anos querará ir para a família de origem, porque o tempo para uma criança é muito mais longo do que para nós, e dá asas a criar vínculos."
3.4. Temas a abordar com as FA				
Temas que os técnicos consideram que se devem abordar com as FA durante a formação/ acompanhamento das mesmas.				
3.4.1.	Contextualização legal	1	1	I: "Eu acho que começaria imediatamente pela contextualização a nível legal, para perceberem em termos legais o que é uma família de acolhimento"
3.4.2.	Comportamentos mais frequentes nas crianças	3	6	I: "Falar sobre as questões, sobre os problemas mais frequentes"
3.4.3.	Função da FA	1	2	I: "qual a função, abordar as funções das famílias de acolhimento"
3.4.4.	Perfil das crianças	2	3	L: " uma criança que é retirada da família biológica, não é uma criança com as mesmas características de uma criança que nunca passou por isso e que

				cresceu numa família estruturada"
3.4.5.	Contactos e Perfis das FB	2	2	M: "estas famílias, pelo que eu sei, têm que manter contato com a família biológica, pronto. Ao manter contato com a família biológica, estas famílias têm de estar pronta"
3.4.6.	Dificuldades das FA	1	1	L: "as dificuldades de ser família de acolhimento, as dificuldades de gerir determinadas situações, talvez começasse por aí"
3.4.7.	Projeto de vida da criança	1	2	L: "acho que também indo falando sobre o projeto de vida da criança, mantendo ali as pessoas bem conscientes do que pode ser o futuro, acho que isso eram temas a debater sem dúvida"
3.4.8	Riscos sociais	1	1	M: "consciencializar para os riscos sociais que estas famílias possam ter"
3.4.9.	Elogio (os técnicos que monitorização as formações às FA devem explicar a função e importância do elogio)	1	1	F: "Vários temas, como, o elogio, a força do elogio"
3.4.10.	Regras e limites (os técnicos que monitorização as formações às FA devem explicar a importância de impor	1	1	F: "a imposição de regras e limites"

	regras e limites)			
3.4.11.	Punição (Explicar às FA de que forma podem ser dadas punições às crianças e de que forma estas podem ser construtivas para o desenvolvimento das mesmas)	1	1	F: "punição que nem sempre é punitiva mas pode ser construtiva, ou melhor nem sempre é destrutível, pode ser construível, "